

## **DIANTE DAS INCERTEZAS UMA BREVE REFLEXÃO: UM PANORAMA DAS DECLARAÇÕES SOBRE SEGURANÇA INTERNACIONAL DO BRICS DO BRICS**

*Por Katherine Nunes de Azevedo<sup>1</sup>*

Recentemente foi traduzido pela editora Paz & Terra o livro de Oliver Stuenkel intitulado “BRICS e o futuro da ordem Global”. Neste, é apresentado ao leitor como e em quais circunstâncias foi possível à ascensão dos BRICS enquanto um grupo institucionalizado composto por países emergentes que almejam, não somente, mas, especialmente, democratizar a tomada de decisões a partir de modificações realizadas dentro da própria ordem já estabelecida (STUENKEL, 2017).<sup>2</sup>

Um aspecto que chama atenção no livro é a capacidade do autor de fazer um panorama, indo desde a criação do termo cunhado pelo economista Jim O’Neill da Goldman Sachs em 2001 – que buscou reunir em um único termo os principais países que estavam se desenvolvendo rapidamente –, até a formação de um grupo político que conseguiu, pelo menos até o ano de 2016, manter certa constância ao realizar encontros e acordos regulares, bem como projetar sua identidade e objetivos de maneira conjunta, sendo capaz, até mesmo de integrar novos países na sua dinâmica como, por exemplo, a incorporação da África do Sul em 2011. De acordo com o pesquisador, é possível perceber, também, uma série de questionamentos não somente dos analistas, mas também dos líderes das principais potências mundiais, na capacidade do BRICS de se manter como um grupo institucionalizado que sobreviveria nos organismos que criam e reproduzem um tipo de ordem e legitimidade na comunidade internacional, mesmo diante de uma crise financeira e das possíveis discordâncias de interesses entre os países membros.

Outra incerteza pertinente é se realmente os países que compõe o grupo dos BRICS são capazes de extrapolar os objetivos principais em torno da cooperação em assuntos econômicos, voltando-se também para a criação e execução de uma agenda factível no campo da segurança internacional tendo em vista suas particularidades e discrepâncias geopolíticas e culturais. Ao nos determos à análise das declarações produzidas pelas reuniões de cooperação intra- BRICS disponíveis no sítio eletrônico do Itamaraty nos deparamos com o fato

1 Historiadora (UFRJ). Graduada de Relações Internacionais INEST/UFF.

2 A primeira edição do livro na versão original em língua inglesa saiu em 2015 pela *Lexington Book*.

de que o grupo de trabalho composto pelos Assessores de Segurança Nacional do BRICS<sup>3</sup> não produz relatórios próprios. Nesse sentido, a maneira como é possível investigar esse tema se dá, notadamente, pelas “Declarações dos líderes e planos de ações e acordos” emitidos a cada reunião anual.

De uma forma geral, tanto Abdenur quanto Stuenkel convergem para a percepção de que a construção de uma agenda para segurança começou a ser discutida de maneira tímida em 2009, aumentando gradativamente depois de 2011 de acordo com as demandas dos países em adquirir maior status de atuação na tomada de decisões, em especial, na ONU, assim como devido à necessidade de se posicionar com frequência contra a intervenção armada diante das crises no Oriente Médio, no Norte da África e África Ocidental (ABDENUR, 2017, p.79) e (STUENKEL, 2017, p. 191-217). Além de haver a reafirmação do bloco com os valores internacionais propagados pela ONU, há espaço também para as discussões acerca das “novas ameaças” voltadas, por exemplo, para o combate aos crimes cibernéticos e ao terrorismo (BRICS, 2011).

A já conhecida associação entre segurança e desenvolvimento social e econômico também está em pauta. Assim, entra em jogo, especialmente, a questão da garantia da segurança humana (alimentar, de saúde, energética, etc.), a partir da estabilidade econômica e de investimentos em desenvolvimento (BRICS, 2012). É interessante registrar que as cúpulas seguintes (até 2018), reiteraram os temas citados, ampliando, aos poucos a questão da segurança como um ponto importante a ser debatido. Assim, constantemente há a ênfase no papel das reuniões dos conselheiros de segurança nacional e declarações que demarcam o posicionando do BRICS nos conflitos internacionais latentes (ABDENUR, 2017, p. 84-85).

Adriana Abdenur aponta que, ao contrário dos avanços da cooperação econômica e para o desenvolvimento, através, por exemplo, da criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD)<sup>4</sup>, no âmbito da segurança internacional, o BRICS pouco investiu em um marco significativo ou ações efetivas nessa área. Ainda, segundo Abdenur, isso ocorre porque, no primeiro momento, houve menor resistência na cooperação econômica em detrimento a temas que tenderiam a gerar dissensos maiores. Neste ponto, as discussões em torno da segurança internacional foram definidas de maneira gradativa e cautelosa, ficando mais densas e específicas em cada reunião (ABDENUR, 2017, p. 85-86).

Contudo, isso não significa dizer que não há possibilidades de retrocessos na agenda e a volta de uma cooperação direcionada somente para questões de ordem econômica. Além disto, cabe a indagação se, diante das atuais crises políticas e econômicas no Brasil e as incertezas internacionais em torno da China, EUA e Rússia, o grupo manterá sua aproximação nessa área. Ademais, temos que ter em mente que o BRICS não se pretende, até então, constituir um grupo armado, mas sim, cooperar em temas comuns, bem como lançar novas bases que favoreçam também os países emergentes, aproveitando a ordem multipolar, que se

3 Cf. sítio eletrônico do Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <<http://brics.itamaraty.gov.br/pt-br/declaracoes-planos-de-acao-e-comunicados>>. Acesso em: 02 de fev. de 2019.

4 *New Development Bank* (NDB).

apresenta aberta às novas dinâmicas e potências.

Diante de um horizonte de expectativas amplo às múltiplas possibilidades, um pesquisador que pretenda analisar o tempo presente estará acompanhado, na melhor das hipóteses, de dúvidas e incertezas, de modo que, não é possível afirmar se o BRICS fortalecerá sua institucionalidade e colaboração independente das flutuações políticas e econômicas. A este respeito, finalizo voltando ao livro do Stuenkel, ao afirmar que constantes reuniões, não geram, necessariamente, ações efetivas. Nesse sentido, “apenas o tempo dirá em que grau essas reuniões poderão gerar uma cooperação mais sustentável [...]” (2017, p. 141), cabendo aos observadores externos, paciência, tempo de reflexão e investigação.

## Referências Bibliográficas

ABDENUR, Adriana Erthal. Can the BRICS Cooperate in International Security? *In: International Organisations Research Journal*. Vol. 12. No. 3 (2017).

BRICS. **III Cúpula**: Declaração e Plano de Ação de Sanya. Sanya, Hainan, China, 14 de abril de 2011. Disponível em: <<http://brics.itamaraty.gov.br/pt-br/categoria-portugues/20-documentos/75-terceira-declaracao-conjunta>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

BRICS. **IV Cúpula**: Declaração e Plano de Ação de Nova Dehli. Nova Delhi, 29 de março de 2012. Disponível em: <<http://brics.itamaraty.gov.br/pt-br/categoria-portugues/20-documentos/76-quarta-declaracao-conjunta>>. Acesso em 25 de janeiro de 2019.

BRICS. **Declarações dos líderes e planos de ações e acordos emitidos pelo BRICS**. Disponível em: <<http://brics.itamaraty.gov.br/pt-br/declaracoes-planos-de-acao-e-comunicados>>. Acesso em: 02 de fev. de 2019.

STUENKEL, Oliver. **BRICS e o futuro da ordem global**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.